

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

28/10/88

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Assunto:



## Lembrando Paulo Sinna

O segundo encontro dos primeiros contadores de Santo André após a formatura de 1945 ocorreu 20 anos depois, em 1965. Novamente foi celebrada missa em ação de graças na Catedral do Carmo e realizado almoço, desta feita no antigo restaurante Interplanetário, no quilômetro 28 da via Anchieta.

O reencontro foi notícia no *News Seller* (hoje **Diário do Grande ABC**), edição de 12 de dezembro de 1965. Os professores Antonio Lapatte Netto e Gilberto Pezzollo receberam cartões de prata entregues pelos jornalistas Fausto Polesi e Ruy de Toledo, e por Fiori Poianas. Os colegas então falecidos também foram lembrados: Alberto Suori e Clineo da Costa Gaia.

Os contadores pioneiros iniciaram movimento para convencer as autoridades andreenses a renderem homenagens a Paulo Sinna, pioneiro do ensino secundário e médio no Município. O esforço se transformaria em realidade de 1972. Naquele ano, o ginásio de Vila Vitória e Vila Lutécia passou a se chamar Paulo Sinna.

Sinna nasceu em São Paulo, a 23 de maio de 1898 e faleceu, também na Capital, a 5 de março de 1964. Instalou o Ginásio Santo André, o primeiro do Grande ABC, em outubro de 1939. Em 1940 criou a Escola Técnica de Comércio de Santo André, onde se formou a primeira turma de contadores, em 1945.

Na foto, do acervo de Aldo de Almeida Costa, os contadores, no encontro de 8 de dezembro de 1965. Amanhã, a festa dos 21 anos de formatura.

Reprodução-Maurício PAVAN



MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:


Data publicação

19/10/88

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Assunto:

**ELEIÇÕES** *Sem representatividade política*

**GRANDE ABC**  
  
**MEMÓRIA**

A elite colonial dominante beneficiou-se com a política real. Recebeu grandes porções de terra, através das doações de sesmarias. E passou a controlar os organismos políticos das vilas. Era o donatário da capitania quem nomeava o alcaide, capitão da vila. Este passava a ser seu subordinado. E as instituições municipais implantadas eram as mesmas que existiam à época em Portugal. Pelo isolamento das vilas, porém, cada povoado passava a ter suas próprias características. Foi o que ocorreu com a Vila de Santo André da Borda do Campo, localizada num ponto qualquer aqui do Grande ABC. João Ramalho, dominando a vila, chegou a desrespeitar ordens de Martim Afonso de Souza.

Mas a Vila de Santo André da Borda do Campo chegou ao fim em 1560. O centro político passou a ser São Paulo de Piratininga. A região se transformou em bairro da Capital. E passou a ser subordinada, politicamente, à Câmara paulistana. No Brasil, o Senado da Câmara era o órgão mais importante da administração. Sua jurisdição não se limitava à cidade (Capital, no caso) mas estendia-se a todo o termo (equivalente ao território municipal).

A Câmara cumpria dupla função: representava a população, já que seus cargos eram eletivos; mas estava subordinada ao governador.

Transformava-se, assim, em instrumento executor das decisões deste mesmo governador. A composição da Câmara era esta: juiz presidente, chamado de juiz ordinário – quando eleito com os demais membros da Câmara; ou juiz-defora, quando nomeado pela Coroa, geralmente um letrado da metrópole. Os juizes ordinários eram sempre dois. Existiam três vereadores e um procurador.

Nas vilas onde ocorriam eleições, elas eram sempre populares. Mas votava apenas o *povo qualificado*, os *homens bons*. Havia um critério: o votante devia ser proprietário de terras e escravos, o que gerava discórdias com outros segmentos da comunidade. O mandato era de um ano.

Politicamente, a área do atual Grande ABC dependia da Câmara de São Paulo para tudo. Era uma imensa área vazia mas tinha importância como ponto de ligação com o Litoral. Mesmo assim estava abandonada, como diz Anchieta em carta de 1585: “Subi por mais serras tão altas que dificilmente podem subir nenhuns animais e os homens sobem com trabalho e as vezes de gatinhas por não despenharem-se e por ser o caminho tão mau e de ruim serventia, padecem os moradores e os nossos, grandes trabalhos” (citada por Octaviano Gaiarsa, na obra *A Cidade que dormiu três séculos*).

A falta de representatividade política iria deixar toda a região abandonada pelos séculos seguintes.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

19/10/88

Cl:

Assunto:



## Os carnavais do Rhodia



31 de julho de 1925. É fundado o Clube *Athletico* Rhodia, às 17h, nos *escritorios* da Companhia *Chimica* Rhodia Brasileira, na Estação de São Bernardo (Santo André). É o que diz a *acta* da assembléia geral, que reuniu Edmundo Dante Dorio, Clovis Antonio Coelho Monteiro, Felesberto Braut Carvalho, Joaquim Petrilli, Attilio Amatuzzi, Heitor Belliomini, Alexandre Nuerta, Benedicto Felix da Silveira, Heitor Apessotto, Augusto Nanini, Georges Brun, Ruggero Manetti, Lucien Genevois, Dessire Wauder, João Amado Almeida, Dino Giannotti, Arminio Guedes Ramos, Orestes Sica, Bernardino de Lima, Guido Caralli, Antonio Cerveira, Umbellino Dantas Barretti, Miguel Checchia, Agricio M. Carvalho, Luiz Nori, David Guocchi e Cesar Caçapava.

O primeiro presidente foi Joaquim Petrilli. Em 1936 era presidente José Moura. E de 1939 a 42 Alfredo Fogarollo, que sábado último participou do encontro dos

velhos rhodianos, esteve à testa do clube. *Seo* Alfredo vai completar 79 anos a 6 de novembro. Trabalhou 40 anos e cinco meses na Rhodia. Fundou a Cooperativa de Consumo da empresa. E como presidente do CA Rhodia realizou grandes carnavais no Carlos Gomes, animados por músicos da banda da Guarda Civil de São Paulo que vinham a Santo André travestidos como o grupo Bandeirante. A banda subia a Coronel Oliveira Lima tocando marchas e sambas e levando o povareu até a Senador Fláquer.

A foto, do final dos anos 20, mostra a portaria da Rhodia Química, os empregados saindo e o caminhão *Sauer*, roda maciça de borracha, transmissão sem cardam, por correntes. Sua velocidade chegava aos 25 quilômetros por hora.

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

29/1988

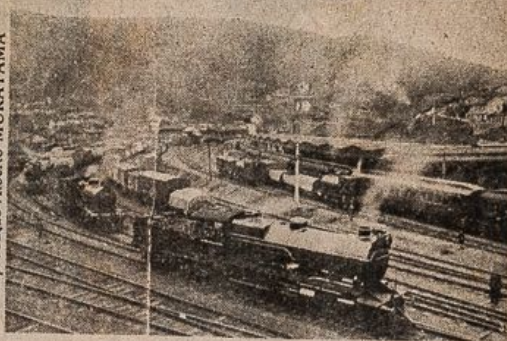
Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Assunto:



## Lá vai a locomotiva

Reprodução-Alberto MURAYAMA



João Ferreira e Paranapiacaba, com base no relato de seu livro, inédito e importante. Hoje ele fala dos trens. E destaca a limpeza e organização.

Havia a primeira e segunda classes. Os filhos de funcionários e estudantes tinham passes livres na primeira classe. Os vagões de primeira destacavam-se pelos assentos, construídos em palha trançada. Na parte superior eram forrados com pano branco, como uma fronha. Quando alguém, por descuido ou outro motivo, não conservava a fronha limpa, era advertido pelos funcionários ou mesmo passageiros. A advertência era naturalmente acatada.

As locomotivas primavam pela limpeza. Equipe cuidava disso. Os laterais não ferrosos, como bronze, cobre e alumínio, estavam sempre brilhando. Maquinista e foguista, que operavam as locomotivas, exigiam limpeza.

O combustível utilizado era, em princípio, carvão mineral. Na Segunda Grande Guerra o carvão foi substituído por lenha. A

mudança foi muito comentada, inclusive pelo pai de Ferreira, que era maquinista.

A lenha, mais fraca que o carvão, exigiu algumas mudanças. Cada locomotiva ganhou dois novos vagões, com laterais altas para sustentar a lenha suficiente para uma viagem, de Paranapiacaba a São Paulo. Toda a lenha era consumida numa única viagem. A princípio a lenha era utilizada só nos trens de carga. Depois foi incluída nos trens de passageiros. Isto exigiu mais ajudantes, além do foguista, para o transporte de lenha do vagão para a fornalha da locomotiva.

A foto é dos anos 30. Mostra a estação de Paranapiacaba e o pátio de manobras. Pertenceu a Benedito de Oliveira, foi de seu filho Aristides de Oliveira (coordenador de operários da estrada) e hoje está guardada no Centro de Preservação Cultural de Santo André.

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

20, 1988

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Assunto:

ELEIÇÕES  
GRANDE ABC  
MEMÓRIA



Ademir MEDICI

## O capitão do mato

Depois que a Vila de Santo André da Borda do Campo foi extinta, em 1560, o território que forma o atual Grande ABC ficou abandonado.

Apenas no início do século 17 começaram a surgir os primeiros habitantes, mesmo assim muito raros. No século 18, com o aumento populacional, se percebe a organização política local, ainda sem maior força no cenário paulista.

O capitão do mato, ou mestre de campo, ou capitão de ordenança era quem cuidava do povoado, revela o historiador Wanderley dos Santos, que atua no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. O capitão atuava na área policial e era procurado para resolver as questões da comunidade.

Em 1776 toda a região possuía 994 habitantes, domiciliados em 189 casas. É possível relacionar as autoridades do período: Antonio Rodrigues Picanço, alferes em 12 de janeiro de 1769, da 1ª Companhia; Manoel Antonio de Araújo, capitão em 25 de dezembro de 1774, da 1ª Companhia; Ignácio Antonio d'Almeida, tenente na

mesma data; Bento Ortiz de Lima, capitão em 13 de maio de 1776, da 2ª Companhia; Antonio Barbosa de Lima, tenente em 11 de outubro de 1776; Antonio Barreto de Lima, alferes em 8 de outubro de 1776 – os dois da 2ª Companhia. Em 1777 a autoridade maior era Alexandre Barreto de Lima e Moraes, mestre de campo e capitão de ordenança (cf. João Netto Caldeira, *álbum de São Bernardo*, 1937).

A região continuava Bairro de São Paulo. Só no século 19 se registra a elevação à freguesia. Isto ocorreu a 23 de setembro de 1812, por ato do Marques de Alegrette. Surgia a Freguesia de São Bernardo, nome em homenagem à antiga fazenda dos beneditinos que existia onde é hoje a unidade da Villares da avenida Senador Vergueiro, em São Bernardo. No mesmo ano, a 21 de outubro, ocorreu a erecção canônica da nova paróquia e, a 1º de dezembro, a erecção civil.

Em 1813 a freguesia tinha 218 prédios, 1.423 habitantes e João Franco da Rocha era o capitão. Em 1818 havia um eleitor paroquial. Politicamente, existia a figura do fiscal, a do capitão mas a mais importante era a do juiz de paz, a quem era dada maior competência para a solução de casos como o de maus tratos sofridos pelos escravos.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

21, 1988

Cl:

Assunto:



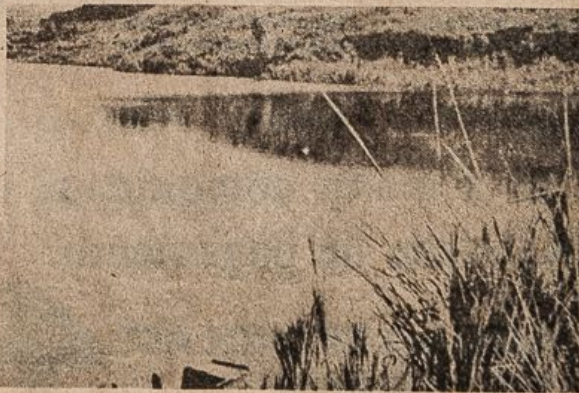
## O rio da Rhodia

Entre os que participaram do encontro dos amigos rhodianos, sábado, estava Walter Bevilacqua. O engenheiro Bevilacqua pode ser chamado de o historiador da Rhodia, tanto já escreveu sobre a indústria, sobre os amigos que trabalharam e trabalham na firma, sobre a própria Santo André. Ele tem livro inédito, chamado *E o nome dela?*, que reúne contos de sua autoria publicados no periódico *Cooperhodias*. É deste trabalho que extraímos as linhas a seguir:

“O primeiro operário contratado (pela Rhodia Química), foi o sr. Miguel Del Vecchio, que iniciou seus trabalhos no aterro dos terrenos onde iriam ser erguidos os pavilhões. Para isto a Rhodia

importou pequena via férrea de 50 centímetros de bitola, com vagonetes à gasolina para a sua locomoção. A primeira linha estendida vinha de cima do morro, atravessava a ponte sobre o Tamanduateí e entrava no recinto da futura fábrica, mais ou menos na altura da *Portaria C*. De princípio só os trilhos e as vagonetas chegaram e enquanto esperavam pelos tratores, a tração era feita por burros. Isto provocava uma série de descarrilhamentos. Os homens eram obrigados a repor as vagonetas sobre os trilhos *no muque*, isto é, à força de seus braços. Se considerarmos as vagonetas cheias de terra, imaginem o esforço humano empregado”.

A foto é do rio Tamanduateí, quando ainda tinha suas curvas acentuadas. Era chamado de o rio da Rhodia. No destaque, Bevilacqua.



MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

21, 1988

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Assunto:

Ademir MEDICI

**ELEIÇÕES**  
GRANDE ABC  
  
MEMÓRIA

### A presença da Igreja

Ao poder central do País – o vice-reino naquele início do século 19 – interessava a definição de um povoado entre Santos (com seu porto importante) e Capital. Surgiu a idéia da criação de uma freguesia. Os beneditinos se colocaram contra. A questão foi parar no Rio de Janeiro e a Igreja perdeu esta batalha. 1812. Surgia a Freguesia de São Bernardo.

A presença da Igreja se fazia notar em tudo, com influências políticas claras. Os beneditinos impediram, por exemplo, que fosse dado curato à sua capela construída no século 18 na Fazenda de São Bernardo. As autoridades da Província foram obrigadas a planejar outro povoado nas vizinhanças e demarcaram, em 1814, o povoado central junto ao Caminho do Mar, onde está hoje a Igreja Matriz de São Bernardo, na Marechal Deodoro.

É neste povoado que se instala a Freguesia, no sítio de um antigo fiscal: Manoel Rodrigues de Barros, descendente de família que já residia em 1600 na atual Vila Nossa Senhora das Mercês, vizinha à São Caetano.

Com a Freguesia de São Bernardo a figura política mais importante da região passa a ser a do juiz de Paz. Um deles representava o

Clero: padre Thomaz Innocente Lustosa, que depois marcaria presença também no movimento político pela emancipação da Freguesia.

Quem também exerceu por muitos anos o cargo de juiz de Paz na região foi Francisco Martins Bonilha. O alferes Bonilha foi capitão do mato antes da criação da Freguesia. Veio de Porto Feliz, era sargento-mor e foi destacado para tomar conta do Caminho do Mar. Há um documento de 1814 em que a comunidade local pede ajuda a ele. Bonilha faleceu na década de 1870, na Capital. Hoje é nome de rua no Centro de São Bernardo e empresta o nome ao mais alto ponto do Grande ABC, o Pico do Bonilha.

Mais duas informações sobre cargos políticos: em 1834 surge a figura do inspetor de quarteirão, ligado à Guarda Nacional e que abrange o Juizado de Paz; em 1835 – e só neste ano – é nomeado um subprefeito na região (*São Paulo Antigo*, de Antonio Egidio Martins, citado por Wanderley dos Santos).

O *Album de São Bernardo*, de João Netto Caldeira, relaciona todos os juizes de Paz e escrivães de Paz entre 1837 e 1936. Relaciona, também, os subdelegados de Polícia (1842 a 1936), delegados de Polícia (1892 a 1936) e escrivães de Polícia (1842 a 1909), além de antigos funcionários públicos.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

22/10/88

Cl:

Assunto:

Ademir MEDICI

ELEIÇÕES  
GRANDE ABC



## Senador Fláquer

16 de fevereiro de 1867; a *São Paulo Railway* inaugura o tráfego, em caráter provisório, da Santos-Jundiaí, a linha férrea que corta a Freguesia

de São Bernardo, hoje Grande ABC. 1877: chegam os primeiros imigrantes italianos aos Núcleos Coloniais de São Caetano e São Bernardo. Os dois fatos foram importantes. Ofereceriam à região perspectivas concretas de desenvolvimento nas décadas seguintes.

Mas o fato político mais importante deste período seria a fixação, na Freguesia, do médico José Luiz Fláquer, natural de Itu, onde nasceu a 1º de maio de 1854, filho de Luiz Pinto Fláquer e de Zelinda Pinto Fláquer. Dr. Fláquer - como era chamado - tinha idéias republicanas. Tomou parte da convenção republicana de 1873, em Itu, onde foi o mais jovem dos convencionais. Em 1875 fez parte, com Luiz Gama, da redação do *Polichinello*, jornal abolicionista e republicano que se publicava em São Paulo.

A chegada de Fláquer à região ocorreu logo após a sua formatura como médico, em 1879: foi contratado pela SPR para ser médico dos ferroviários. Fixou residência em São Bernardo e, em 1881, destacou-se pelos seus serviços de atendimento médico quando da epidemia de varfola que matou imensa faixa da população local.

Na política, dr. Fláquer candidatou-se a vereador na Capital, em 1880, pelo Partido Republicano. Se eleito, representaria a Freguesia. Perdeu mas conseguiu 696 votos. No mesmo ano foi eleito juiz de Paz de São Bernardo. Depois teria uma carreira política brilhante: criou e chefiou o Partido Republicano de São Bernardo. Proclama-



José Luiz Fláquer

da a República, foi eleito deputado à primeira Constituinte Republicana do Estado. Em 1892 fez parte da Comissão Diretora do PRP. Foi eleito deputado federal em 1896 e reeleito em 1898. Fez oposição ao governo de Prudente de Moraes. Nas eleições de 1904 voltou à Câmara Estadual, tendo sido reeleito três vezes. Ocupou a vice-presidência de 1908 a 1910.

O grande cargo político do dr. Fláquer, porém, viria a 6 de novembro de 1910: elegeu-se senador estadual. Surgia o senador Fláquer, hoje nome da rua, de escola, com busto defronte ao velho e desativado Cine Carlos Gomes, em Santo André.

Senador Fláquer era casado com Elisa de Menezes Fláquer. O casal teve os seguintes filhos: Mário, Elizinha, Alfredo, João Baptista, José Luiz, Antonio e Odette. Era irmão de Alfredo Luiz Fláquer, também político e que foi vereador e prefeito na região. O senador Fláquer faleceu a 5 de dezembro de 1924 e foi um dos principais responsáveis pela elevação de São Bernardo a Município, em 1889.



MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

22,1988

Cl:

Assunto:



## 19 de novembro de 1919

A primeira festa dos velhos amigos rhodianos foi em 1977, no Recreio dos Compadres, junto à represa Billings, no Parque do Pedroso, em Santo André. Noventa pessoas presentes. Lá estavam, à testa da promoção, Milton Ferriani, chefe do Expediente Central, Centro Empresarial, 40 anos de Rhodia; Jayme da Silva Thiago, mestre da oficina mecânica, 36 anos de firma; Ilio Pelegrino, mestre da oficina mecânica também, 27 anos de firma.

Depois as festas, continuaram sendo realizadas periodicamente: em restaurantes, áreas verdes, etc. Este ano foi a terceira vez que a festa se realizou no ADC Rhodia, na avenida dos Estados, para a qual foram distribuídos mais de mil convites. Veio gente do Paraná,

de Fortaleza, de Brasília. A semente de Milton, Thiago e Pelegrino frutificou. E a organização, agora, cabe a uma comissão de 15 elementos, sob a coordenação de Clovis Barone.

Como ponto de fundo, a Rhodia e tantas histórias, muitas das quais registradas por Walter Bevilacqua. E dele as informações seguintes: "Após o término da guerra, em 1919, precisamente às 14h de 19 de novembro, nos salões do consulado dos Estados Unidos do Brasil, era fundada a Companhia Rhodia Brasileira e o ato fora assinado pelo então vice-cônsul brasileiro, N.J. Nogueira Braga, e os estatutos arquivados na Junta Comercial do Estado de São Paulo, em 24 de janeiro de 1920".

A foto, de 1922, mostra as instalações primitivas da Rhodia, em Santo André. Reprodução do museu da empresa.



MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

23, 1988

Cl:

Assunto:



24 de outubro de 1948



Reprodução-Artur FLORENCIO

Amanhã, 24 de outubro, São Caetano completa 40 anos de instalação como Município autônomo. Hoje, às 10h, os autonomistas mandam celebrar missa em Ação de Graças na igreja Sagrada Família. A data realmente não pode passar em branco pois foi muito dificultoso conseguir a separação de Santo André.

São Caetano, na região, cresceu muito e já na década de 30 mostrava isto, com algumas construções suntuosas como a da foto, cujo original foi doado ao Museu Municipal por Luiz Augusto Veiga, engenheiro do Departamento de Construções e Plantas da General Motors.

O prédio fica na confluência das ruas Santa Catarina, João Pessoa e avenida Conde Francisco Matarazzo. À época, era ocupado, na sua parte superior, pela agência da Prefeitura.

Na parte terrea funcionavam:

armazém de secos e molhados Ultramarino, de Guilherme da Silva Dias; ao lado, a loja de armários do sr. José e de dona Cândida, o cartório de Tonico Fláquer; a alfaiataria da família Tegão e a farmácia São Paulo.

O cartório de paz foi instalado a 6 de fevereiro de 1917, quando da criação do *Distrito* de Paz de São Caetano. Antonio Fláquer, o Tonico, foi nomeado escrivão desde o início, quando as primeiras autoridades eram José Mariano de Garcia Jr, Antonio Barile e Carmine Perrella, juizes. Em 1936 era juiz Matheus Constantino. Dictino Laranjeira atuava como escrivão interino (no lugar de Fláquer), Octávio Tegão era ajudante habilitado e Nelson Dell'Antonia, auxiliar.

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

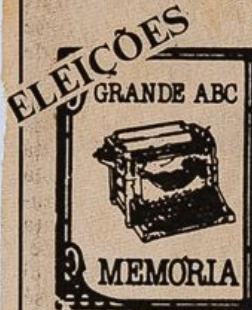
23/10/88

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Assunto:

Ademir MEDICI

## Freguesia vira Município



O Grande ABC, com o nome oficial de Freguesia de São Bernardo, estava abandonado nos últimos anos do Império. Isto pode ser verificado na reportagem de 14 de agosto de 1884 de *A Província de São Paulo* (hoje *O Estado de São Paulo*). "O núcleo colonial formado por imigrantes italianos de São Bernardo, *Villa*) dista da linha inglesa cinco a seis quilômetros. Não é grande o percurso, mas infelizmente o que *naquelle* espaço chama-se estrada é simplesmente um inferno, de modo que com qualquer chuva torna-se façanha de Hercules a viagem. Há lugares que se transformam em vastas lagoas, outros em fundos lameiros, de sorte que tem muita vez acontecido um carro de bois ou um cargueiro de abóboras gastar seis a oito horas para fazer o caminho até a estação (hoje Santo André), ou da estação ao povoado (hoje Centro de São Bernardo)".

O País vivia dois grandes movimentos, pela abolição dos escravos e pela proclamação da República. Os republicanos, entre os quais o médico José Luiz Fláquer, já radicado na Freguesia de São Bernardo, defendiam a reorganização político-administrativa nacional. É lógico, portanto, que a região desejasse a sua própria autonomia.

Há registro na Câmara Municipal de São Paulo do envio de requerimento à Assembleia Legis-

lativa Provincial, em 1888, quando se solicitou a criação do Município de São Bernardo (cf. historiador Wanderley dos Santos, da Cúria Metropolitana de São Paulo). O movimento, pacífico, deu resultados e culminou com a assinatura do decreto de 12 de março de 1889, que oficializou o primitivo Município de São Bernardo, com abrangência sobre todo o atual território do Grande ABC. A região deixava de ser Freguesia.

A autonomia conquistada no papel não foi tudo. Faltava a instalação do Município. Em Agosto de 1889, a região preparava um novo requerimento, solicitando a instalação imediata do Município. Assinaram o documento as principais autoridades políticas da região: coronel João Batista de Oliveira Lima, republicano José Luiz Fláquer, padre Thomaz Inocêncio Lustosa, vigário local (nascido em São Paulo, em 1902, que assumiu a Paróquia local em 1928 e foi o primeiro professor da localidade. Foi também juiz de paz. Faleceu em 1892), entre outros, incluindo-se imigrantes italianos.

No requerimento de 1889, os autonomistas confirmavam as denúncias do jornal *A Província de São Paulo*. Diziam: "Nem luz temos". Queixavam-se de que os impostos continuavam sendo recolhidos normalmente por São Paulo".

A instalação do Município ocorreu em 1890, com um território de 817,5 quilômetros quadrados. Agora era tratar de eleger a primeira Câmara Municipal, de onde sairia o primeiro intendente, cargo equivalente ao do atual prefeito.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação  
25/1988

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

Cl:

Assunto:



### No São Caetano EC

Em 2 de março de 1948 os sócios da Sociedade dos Amigos de São Caetano participaram de assembléia no São Caetano Esporte Clube. Na presidência, José Bonifácio Fernandes, tendo ao lado Mario Rodrigues e Walter Thomé. Paulo de Oliveira Pimenta, em seu diário - hoje peça fundamental para a história da cidade - registrou toda a reunião. Mais do que isto: anexo ao diário a presente fotografia, onde aparecem alguns dos participantes.

Pimenta registrou quem estava presente: José Bonifácio Fernandes, Walter Thomé, ele, Mario Rodrigues, Valentim Inácio da Silva, Jacob João Lorenzini, Carlos Paez, José Luiz Fláquer Neto, Victório Marcucci, Octávio Tegão, José Homem de Bittencourt, Veni-

cio Ricci, Rafael Luis, Anacleto Campanella, Concetto Constantino, Faustino Pompermayer, Avelino Poli, João Relá Filho, Walter Scartozoni, Raphael Crespan, Julio Marcucci, Benedito Moretti, Lauro Garcia, Osvaldo Giampietro, Arlindo Marchetti, Luis Neves, Firmino Garbelotti, Jesus Fernandes, Giacomo Pupolu, Accacio Spachacqueria, João Barille, Bruno Bisquilo, Nicomedes Marcondes, Osvaldo Bisquolo, Felício Miguel de Pitta, Orlando Souza, Antonio Perrella, Arnaldo Lugulo, Ermelindo Locoselli, Tadeu de Agostinho, Idalino Moretti, Angelo Chianfarani, Eliseu Amaral, José Fucher, Lidio C. Moura, Jordano Vincenzi, Fábio Vieira de Souza, Mauro Corvelo, Moacyr F. Correia, Geraldo Benincasa, José Vieira de Souza, Desieri Malateaux Neto, Alfredo Malateaux. Nem todos podem ser incluídos no quadro dos autonomistas. Mas o movimento pegava força.



Reprodução-Maurício PAVAN.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

25/10/88

Cl:

Assunto:

Ademir MEDICI



## Vereadores em 1892

Obtida a emancipação, em 1899, foi o Município de São Bernardo (atual Grande ABC) instalado a 2 de maio de 1890, já em pleno regime republicano. Neste dia tomou posse o primeiro prefeito (intendente municipal), João do Prado. Não há registros sobre a forma de eleição de Prado. Tudo indica que tenha sido nomeado pelo governo estadual. O País vivia o período de reorganização dos Municípios, após a proclamação da República.

Concluindo este período, foi realizada a primeira eleição direta para escolha dos vereadores que comporiam a Câmara Municipal de São Bernardo. Era 30 de agosto de 1892. A posse dos primeiros eleitos (seis vereadores) foi a 29 de setembro. O fato marcou o início da organização política do novo Município, registrado em livro de atas hoje desaparecido.

Daquele primeiro livro teve ciência o jornalista João Netto Caldeira. Ele escreveu, em meados da década de 30, o *Album de São Bernardo*. Chegou a transcrever na íntegra a ata de posse da primeira Câmara Municipal, quando foram eleitos e empossados José Francisco de Paula Novaes, capitão

Manoel José de Oliveira Catta Preta, Luiz Pinto Fláquer Júnior, Lindolpho Francisco de Paula, Luiz Bruno e Gustavo Rathsam. Foram eleitos para mandato de três anos.

Havia um regimento interno provisório e, com base nele, foram distribuídos os cargos da Câmara através de eleição indireta entre os vereadores. Foi eleito presidente da Câmara José Francisco de Paula Novaes; Catta Preta ficou com a vice-presidência; Luiz Pinto Fláquer Júnior elegeu-se intendente (prefeito). Também foram eleitos os vereadores que compuseram as duas primeiras comissões do Legislativo: Lindolpho de Paula e Luiz Bruno na Comissão de Justiça, Instrução e Higiene; Catta Preta e Gustavo Rathsam na Comissão de Obras, Comércio e Indústria.

A ata transcrita por Caldeira não diz se o primeiro prefeito João do Prado estava presente. Destaca a presença do primeiro juiz de Paz, José Luiz Fláquer. A solenidade foi na sala da Intendência da *Villa de São Bernardo*, no pavimento superior do sobrado construído em meados do século passado pelo alferes Bonilha. Este prédio (foto) resistiu pelos 70 anos seguintes. Ficava onde é hoje a praça Lauro Gomes, na esquina das ruas Marechal Deodoro e Tenente Salés, Centro de São Bernardo. Foi demolido em meados da década de 1950.



MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

26/10/88

Cl:

Assunto:



## A autonomia avança

Reprodução-Artur FLORENCIO



Autonomistas e o primeiro prefeito de São Caetano, Angelo Raphael Pellegrino (1949-53), na foto do Museu Histórico de São Caetano. A identificação é de Jayme Patrão. Da esquerda para a direita: Daniel Giardulo, (?), (?), Giordano Vincenzi, Raphael Pellegrino, deputado Gabriel Migliori, Walter Thomé, Fortunato Ricci, Mario Porfirio Rodrigues, Lauriston Garcia e Vellanni Regis.

São passagens do movimento fulminante da emancipação. Em seu diário, Paulo de Oliveira Pimenta resume a reunião de 23 de março de 1948: "A Sociedade dos Amigos de São Caetano realizou nesta data uma reunião de caráter geral no Ypê Clube, tendo comparecido o sr. Antônio Fláquer, acompanhado de mais de 20 pessoas, inclusive inspetores de Polícia. Tentou em vão convencer os autonomistas de que deveriam desistir do intento. Em resposta fizeram uso da palavra os senhores José Homem de Bittencourt, Lauro Garcia, muito entusiasticamente o sr. Bento Velaines Reges e outros. E as reuniões da SASC continuaram e a campanha que nas ruas angariava assinaturas, ia para frente cada vez com mais entusiasmo".

mente o sr. Bento Velaines Reges e outros. E as reuniões da SASC continuaram e a campanha que nas ruas angariava assinaturas, ia para frente cada vez com mais entusiasmo".

A oposição respondia com panfletos. Chamava a campanha de desastrosa e pedia à população cuidado com os políticos despeitados.

### São Bernardo

Hoje, às 15h, na Biblioteca Monteiro Lobato, em São Bernardo (rua Jurubatuba, 985), será realizado encontro de antigos moradores com a juventude. Laerte Pinchiari, Odete Bellinghausen e Beltran Asêncio contarão passagens da história da cidade. Presença do Serviço de Pesquisa da História local.

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

26/10/88

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Assunto:

Ademir MEDICI



## Coronelismo

Em tese, o regime inaugurado no Brasil com a proclamação da República era dos mais liberais. A Constituição dos Estados Unidos do Brasil, promulgada a 14 de fevereiro de 1891, tinha como inspiração a Constituição norte-americana, que surgira de uma verdadeira revolução democrática. Na prática, porém, tudo era diferente. O voto não era secreto; mulheres, analfabetos e menores de 21 anos não votavam; não existiam partidos políticos nacionais; havia um eleitorado fantasma, imenso, que garantia à elite a eleição de acordo com os seus interesses. Vivia-se o período do coronelismo. O sistema de partido único, por muito tempo, vigorou em quase todos os Estados.

Em São Paulo havia o Partido Republicano paulista. Realizou-se, no início da República, a promulgação da chamada Lei Saraiva, estabelecendo o censo alto. Na região, o Partido Republicano de São Bernardo, sob a chefia do dr. Fláquer, pleiteou a qualificação e organizou corpo eleitoral com 76 eleitores republicanos (cf. João Netto Caldeira). O Arquivo Municipal de São Paulo possui a relação dos eleitores da *Villa* de São Bernardo em 1890.

A população da região era, em 1890, de 7.276 habitantes, compreendendo as populações de São Bernardo, Santo André e São Caetano. Em 1900 passou a 10.124 habitantes (cf. Octaviano Gaiarsa, em *A cidade que dormiu três séculos*).

Os chefes políticos regionais, no Império e ainda no começo da República, recebiam o título de major ou coronel ou capitão da Guarda Nacional. Constituíam um Exército de reserva, mobilizado em casos de guerra ou desordem social.

Nessas ocasiões, cada setor local da Guarda Nacional devia obediência ao coronel de sua região. Este auxiliava sempre os poderosos do Estado e, em troca, recebia seus favores. Dominava o *curral* eleitoral.

Isto é possível observar nas histórias das eleições do velho Município de São Bernardo. Logo se destacaram os primeiros líderes locais: José Luiz Fláquer, coronel João Baptista de Oliveira Lima, coronel Alfredo Luiz Fláquer e coronel Saladino Cardoso Franco. Seria famosa a briga dos Fláquer e dos Franco. Era a luta pelo poder local. Tudo se fazia para alcançar este poder mas é certo também que os principais líderes tinham como característica principal o uso honesto dos dinheiros públicos. O que não impedia as falcatruas.

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:  
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

27/10/88

Cl:

Assunto:



## Aparece o Zé Caetano

AUTONOMISTAS...



A história do movimento autonomista de São Caetano, nos anos 40, sintetiza a própria história da política brasileira, com suas idas e vindas. Neste quadro pode-se incluir Antonio Fláquer, mais conhecido por Tônico Fláquer, filho do poderoso senador Fláquer, natural de Santo André mas que fixou raízes profundas em São Caetano, onde assumiu o cartório local.

Tônico Fláquer chegou a participar do movimento pela autonomia de São Caetano, em 1927-8. Lutou pela separação da cidade, então. No movimento vitorioso dos anos 40, porém, Fláquer foi o grande adversário desta mesma autonomia. Exercia, neste período, a chefia do Executivo andreense e foi até o fim no seu compromisso de manter o território local.

Jayme da Costa Patrão, auto-

mista, tinha na figura de Tônico excelente personagem para suas charges, publicadas na Imprensa da época. Exemplo é esta, de 1948, em que aparece Tônico Fláquer ao lado do Zé Caetano.

Zé Caetano surgiu em *O Município*, a 8 de novembro de 1947. O jornal escreveu na apresentação do personagem: "Esse caricaturista (Patrão), cujo trabalho muito se aproxima do tipo instituído pelo saudoso Belmonte, apresenta seu personagem Zé Caetano, que encarna o Juca Pato do nosso pobre Município".